

Cuidando de quem está morrendo: ensinamentos poinsotianos, instruções tomistas

Robert Junqueira, martinsjunqueira@uc.pt

IEF — Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

“*Nemo ante mortem beatus*”

Públio Ovídio Naso (†c.17)

1. Da oportunidade ao tema

Vindos de Coimbra, na República Portuguesa, é com grande alegria que acedemos ao convite que nos foi dirigido pelos Professores Bruno Fontana e Lucas D. Tomáz de Aquino para pronunciarmos esta palestra na República Federativa do Brasil, em Curitiba e São Paulo.

Faz, em 2023, sete séculos desde que Tomás de Aquino (†1274) foi canonizado. Foi em 18 de julho de 1323, cerca de 5 décadas depois da saída do Doutor Angélico do nosso útero telúrico, que a nossa Majestade Católica, o Papa João XXII (†1334), canonizou o aquinate.

Estamos em pleno ano de um Jubileu no qual há, para cada dia da semana, cem anos para aplaudir, reconhecer e soar. Temos, em cada semana do presente *anno Domini*, a missão e o vau de recapitular e prestar culto a uma média de 4,17 anos de “Santo Tomás” por hora.

Estaremos, assim, a concorrer para o reforçado cuidado dispensado a São Tomás de Aquino por pessoas de muitas proveniências, além de retomarmos as pisadas de quem, há 99 anos atrás, fazia algo análogo ao que aqui se faz agora, mas na Igreja da Encarnação (Lisboa).¹

Para tal, nada mais fundamental do que o apoio de todas as pessoas e instituições envolvidas na realização desta iniciativa; e, muito particularmente, aquele do Professor Doutor Mário Santiago de Carvalho, Coordenador do Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.²

¹ J. Ferreira Fontes, *S. Tomás de Aquino e a crise contemporânea* (Porto: Edições do A. I., 1936). As três conferências publicadas nesta obra pelo então Diretor do *Mensageiro do Coração de Jesus* já haviam sido ministradas mais de uma década antes desta edição — em 20, 21 e 22 de novembro de 1924, a propósito do Sexto Centenário da Canonização de S. Tomás de Aquino —, tendo inclusivamente sido publicadas pela Tipografia Inglesa, em Lisboa, no ano de 1925.

² O IEF é a Unidade de Investigação e Desenvolvimento que patrocinou a nossa participação neste evento através de fundos nacionais atribuídos, no âmbito do projeto UIDB/00010/2020, pela Fundação

Este sétimo centenário da canonização de São Tomás de Aquino inscreve-se numa lógica de cuidado *post mortem*; nós, porém, vimos tomar por tema um cuidado que, sem deixar de ser *post natiuitatem*, difere do primeiro por tratar-se de um cuidado *ante mortem*.

Das múltiplas cancelas que se abrem e encostam nos jardins da cura, vimos aqui para ocupar-nos de uma temática que é tão delicada quanto são frágeis estas nossas vidas, a saber: o cuidado em fim de vida, i.e., no cabeiro lance prévio a uma existência imorredoura.

2. Profissão de fé e razão

Em 1902, Charles S. Peirce (†1914) concluiu haver “um conhecimento bem mais sólido na predicação de que eu morrerei do que em toda a matemática pura do universo”.

Assim falou Peirce, embora reconhecendo que tal conclusão não serve para satisfazer o exigente padrão de uma “conclusão necessária”; isto é, toda a conclusão que além de ser sustentável no universo atual, também se sustentaria em qualquer outro universo.³

A morte, bem entendida, está à espera de toda a gente, o que não é forçosamente de se saudar a título de adição ao repertório das nossas calamidades.

A Igreja Católica Apostólica Romana dá-nos sinais expressivos de como é possível conviver amorosamente, neste mundo, com a palpável inevitabilidade da falência biológica.

Como observou Jacques Maritain (†1973), “na liturgia da Igreja Católica, as festas em honra dos santos são celebradas no aniversário das respetivas mortes, isto é, no aniversário do nascimento real e definitivo de cada santo”.⁴

Disse João de São Tomás (†1644), batizado Poinot, que o fito da vida de quem tem fé em Jesus Cristo (†c.33) é granjear aquela hora, a da morte, a partir da qual terá lugar a sua felicidade.⁵ A fim de nos salvarmos, somos lavradores da terra em que seremos sepultados.

para a Ciência e a Tecnologia, I. P., do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Governo de Portugal.

³ Trad. nossa de Charles S. Peirce, *Logic of the future: writings on existential graphs. Volume 1: History and applications*, ed. Ahti-Veikko Pietarinen, Peirceana, Volume 1 (Berlim e Boston: De Gruyter, 2020), 445.

⁴ Nossa trad., de Jacques Maritain, *The Range of Reason* (New York: Charles Scribner’s Sons, 1953), 54.

⁵ João Poinot, “Práctica, y consideración para ayudar a bien morir”, em *Explicacion de la doctrina christiana, y la obligacion de los fieles en creer, y obrar* (Valência: s.n., 1703), 243.

Em busca de orientação e alento para corresponder às circunstâncias da vida neste mundo, as pessoas de fé católica traçam uma rota salvífica de cariz cristão.

Tal via poderia fazer-se entender com fidelidade mediante a entoação da seguinte máxima: *enquanto o fim das nossas vidas é sermos salvos, a nossa salvação joga-se na morte.*

À luz de Poinot, a *via crucis* é animada pelo (e endereçada ao) óbito: a meta mais que natural de toda a travessia na Terra, em cuja extremidade pode ser encontrada a salvação.

O catolicismo encoraja-nos a assumir as nossas aventuras mortais com uma liga de tranquilidade e confiança, dado que a morte aparece como ansiada parteira e o falecimento como parto decisivo e sem retorno no horizonte da felicidade perpétua.

Como qualquer pessoa de fé cristã, quem é fiel à Igreja Católica vive para a morte num registo de alegria, aprovação e aprovisionamento, convivendo acolhedoramente com a mortalidade num ambiente de consagração, consentimento e consolação.

Cada criatura humana dotada de uma visão católica romana tem o condão de avistar, no derradeiro hálito, sinais da passagem do tempo para a cabal atualização do potencial da pessoa humana — e jamais do esvaziamento do seu ser.

Por certo, uma pessoa não tem que ser católica ou mesmo cristã para, ante a morte, saborear um lume apaziguador aceso no seu peito; pode ser, por exemplo, muçulmana.

Se consultarmos o livro sagrado do Islão na sua 13ª Surata, notaremos que o islamismo reserva uma eterna e prodigiosamente radiante habitação póstuma a quem, recordando Alá, achar a paz no seu coração (Ayat 24-28).

Nada há de irrazoável numa racionalidade que nos leva a viver a vida como uma etapa. É às claras, que esta dialética católica assenta no opimo chão da convicção e se traduz no achado, na declaração firme e no entendimento do fim como lídimo nascedouro.

Logicamente, crendo que a vida constitui a prenante duração da gestação da alma, segue-se que a marca da morte está fadada a arcar — sendo ainda suficientemente oportuna para mimosear-nos — com uma compreensão sincrónica do berço e do caixão.

Não parece vislumbrar-se qualquer paradoxo no reconhecimento de que uma única e mesma experiência comporta, a um só passo, um encerramento e uma abertura.

Uma intervenção cirúrgica, exemplificando, pode englobar a cessação do impacto de uma enfermidade na saúde de alguém e o exórdio de uma fase de restabelecimento.

Não parece haver aqui qualquer necessidade de invocar a prevalência do tribunal da fé sobre o da razão para que nos seja legítimo afirmar a realidade de tal vida futura.

3. Frei João da sta. cura

A fim de comemorarmos São Tomás de Aquino, aprofundaremos aqui o apertado gerúndio da morte, com destaque para a doutrina tomista do lisboeta João Poinot, formado em Artes na cidade de Coimbra.⁶

A fim de evitar a queda em fórmulas estereotipadas, impõe-se uma breve nota acerca de João de São Tomás, cuja figura permanece ainda, na expressão de J. R. Espírito Santo, “mergulhada numa bruma de desconhecimento” (mesmo nos meios filosóficos).⁷

Muito embora a literatura erudita reconheça tratar-se o “teólogo dos dons”,⁸ Poinot, do comentador por excelência do aquinate, a mesma está a léguas de fundamentar a eventual suposição de que lhe terá faltado o sumo da originalidade relativamente às suas fontes.

Nos termos de Manuel Cândido Pimentel, “embora fiel à lição de São Tomás”,

João de São Tomás não se limita a uma interpretação mais ou menos literal do texto do Aquinate, mas este constitui o pano de fundo de uma intensíssima e original especulação (...) sobre uma doutrina cuja exposição e aprofundamento lançam luz sobre distintos ramos da ciência teológica (...) ou iluminam a ética cristã e as vias da ascética e da mística.⁹

⁶ Leia-se Anabela Gradim, *Teoria do Sinal em João de São Tomás. O Projecto Semiótico do “Tratado dos Signos”* (Covilhã: Universidade da Beira Interior e Lusosofia, 1994), 16 e John Deely, “Editorial Afterword”, em *Tractatus de Signis: The Semiotic of John Poinot*, de João Poinot, ed. e trad. por John Deely, 1ª ed. (Berkeley: University of California Press, 1985), 426.

⁷ José Rafael Espírito Santo, *Arte e Prudência em João Poinot (João de São Tomás). A recepção da doutrina aristotélica* (Navarra: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2013), 21. Pode ler-se também, do mesmo autor, *Arte e Prudência Em João Poinot (João de São Tomás)* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016).

⁸ Assim se refere ter ficado “famoso” Poinot em Joaquim Domingues e Manuel Cândido Pimentel, “Introdução”, em *Os Dons Do Espírito Santo*, de João Poinot, trad. por António Ferreira Rodrigues e Arnaldo do Espírito Santo (Prior Velho: Paulinas Editora, 2019), 13.

⁹ Domingues e Pimentel, “Introdução”, 14.

Além do mais, a referida “bruma” começa agora a dissipar-se, sendo verdade que, num domínio em que São Tomás não nos terá legado mais que boas sementes (o da Lógica),¹⁰ Poinot começou recentemente a ser inscrito como um autor isagógico por direito próprio.¹¹

De modo que custa a crer, ainda para mais na ausência de estudos que o comprovem, que o português não tenha aportado a sua assinatura pessoal à comunidade de pesquisa.

Antes pelo contrário, diz-nos John Deely (†2017) ter sido João de S. Tomás a primeira pessoa de que temos conhecimento a haver manifestado, hialinamente, estar semioticamente ciente, no sentido de haver discursado sobre uma noção de *sinhal em geral* como uma relação irreduzivelmente triádica e, ao mesmo tempo, não transcendental (porque ontológica).¹²

O que isto quer dizer é que o *signum*, segundo Poinot, consiste num encadeamento que é sempre real (antes e depois de se revestir de circunstanciais traços físicos ou psíquicos) e cuja ação se dá de forma sincrónica através de um único gesto de correspondência entre algo que significa, algo outro que é significado e um elemento de aperceção.

Sem prejuízo da medularidade da obra do mestre tomista para a vindima semiótica contemporânea, a produtividade joanina extravasa consideravelmente o campo da Lógica, abrangendo um vasto leque de matérias atinentes à Filosofia Natural, à Teologia e a outras esferas da cultura católica, de entre as quais convém aqui destacar o cuidado pastoral.¹³

Dizendo tradicionalmente respeito à providência de auxílio à saúde emocional, espiritual e fisiológica (com base em ensinamentos bíblicos), o cuidado pastoral cristão envolve o ministério de uma extrema responsabilidade assumida tanto por agentes leigos

¹⁰ De acordo com Peter Thomas Geach (†2013), o santo “não se interessava muito pela lógica formal como tal, contrariamente a numerosos filósofos medievais”. Tradução nossa de Geach, *Logic Matters* (Oxford: Basil Blackwell, 1972), 300.

¹¹ Leia-se John Deely, *Logic as a Liberal Art*, ed. Christopher S. Morrissey (Nanjing Shi: Nanjing Normal University Press, 2020).

¹² A asserção é repetida até à exaustão em várias obras do autor, das quais destacaremos John Deely, *Medieval Philosophy Redefined as the Latin Age: The Development of Cenoscopic Science, AD354 to 1644 (From the Birth of Augustine to the Death of Poinot)* (South Bend, Indiana: St. Augustine’s Press, 2016).

¹³ A mais completa bibliografia (ativa e passiva) no seio dos estudos poinotianos continua a ser a de Marco Forlivesi, “JOÃO POINSOT (Joannes de s. Thoma - Juan de Sto Tomás - Jean de St-Thomas - Giovanni Di s. Tommaso - John of St Thomas) GENERAL BIBLIOGRAPHY”, em *Theory and History of Ontology*, ed. por Raul Corazzon (World Wide Web: ontology.co, 2008).

como por sacerdotes que se empenham no amparo, na cura, na orientação e na pacificação de pessoas aflitas ou pacientes diante de expectativas complexas ou situações inadiáveis.¹⁴

Dedicaremos, já de seguida, algum esforço à apreciação de um contributo poinsotiano para o corpo literário do cuidado pastoral, um aporte voltado para o tema do cuidado em fim de vida cujo título é “Práctica, y consideración para ayudar a bien morir”, publicado pela primeira vez na região da capital castelhana no ano de 1639.¹⁵

4. Visando a morte sã

Tendo sido objeto de digitalização em agosto de 2010, mediante uma cópia pertencente à Biblioteca Episcopal do Seminário de Barcelona, a edição da obra de Poinot utilizada para efeitos desta nossa consulta foi publicada na Valência ibérica em 1703.¹⁶

O tratado a que agora atentaremos faz parte de uma obra mais genérica que contempla textos sobre múltiplas temáticas — como sejam as do batismo, da confissão, da excomunhão, dos mandamentos do Pai, da misericórdia, da penitência ou dos mistérios do Santo Rosário —, cada uma delas de copiosa gravidade doutrinal na orbe da fé católica.

O antes mencionado escrito pastoral — cuja análise, virtualmente inesgotável, será aqui sucintamente ensaiada — desdobra-se em 15 capítulos.

O primeiro capítulo revela a razão de ser de um tratado cujo objeto cardeal é “aquele último combate” (p.242) que se trava nesta vida, não raro encarado com leviandade.

Embora seja assim, o Doutor Profundo (Poinot) frisa que a demanda terminal é tanto ou mais momentosa do que o conjunto dos outros passos de uma caminhada biográfica.

Esta constatação deve-se ao facto de que o desafio que se coloca na conclusão desta nossa mundana fase de gestação reside em aceder, finalmente, ao alvor da salvação.

¹⁴ Pode ler-se, por ex., Xolisa Jibiliza, “The Evolution of Pastoral Care Ministry through the Ages”, *Pharos Journal of Theology* 102 (2021): Art. 11.

¹⁵ O tratado está contido em João Poinot, *Explicacion de la doctrina christiana, y la obligacion de los fieles en creer, y obrar* (Madrid: Domingo Garcia Morràs, 1639).

¹⁶ Poinot, *Explicacion de la doctrina christiana* (1703). V. *supra* ou *infra*. A versão digital e a informação acerca da digitalização estão acessíveis via Google Livros, através do identificador “ypaSw3gxsHYC”. As citações, por nós traduzidas, serão apresentadas em português e o nº de pág. no corpo do texto.

O segundo capítulo encarrega quem presta cuidado pastoral em fim de vida a partir do princípio de que já foi feito um testamento e de que as questões de ordem patrimonial respeitantes à pessoa moribunda foram devida e atempadamente atendidas.

Segundo Poinso, é por obra do maligno que a humanidade é persuadida a guardar, para a ocasião do “maior combate” (p.244) da vida de cada pessoa, a incumbência de resolver uma tarefa que exige tanta energia, prudência e sação.

As pessoas que prestam cuidados, e em primeiro lugar as que desempenham funções confessionais, são chamadas a alertar toda a gente — ao longo de toda a vida e o quanto antes em casos de elevada vulnerabilidade ou acentuado risco de morte — para a urgência de antecipar tempestivamente o destino.

Porém, ao deparar-se com as portas da morte escancaradas para alguém, a ação pastoral deverá induzir a pessoa que está morrendo a preocupar-se com a travessia que se aproxima, dispensando-a de inquietar-se com diligências temporais tão molestas quanto secundárias face ao zelo pela salvação da alma.

Assim seja, salvo se houver tempo hábil para debelar o atraso nos referidos afazeres antes da última confissão; e daí que o terceiro capítulo traga algumas diretrizes referentes ao procedimento de disposição patrimonial.

O autor dá uma série de recomendações sobre questões que vão desde a salvaguarda de um funeral discreto, do saldar das dívidas, da escolha da sepultura e das futuras condições de vida de descendentes legítimos e ilegítimos até ao acautelamento da inadmissibilidade do recebimento de quaisquer valores por parte das pessoas responsáveis por cuidar — a menos que o testamento o defina inequivocamente e o destino dos mesmos se encontre estabelecido.

No quarto capítulo, são deixadas para trás as coisas do mundo e Poinso debruça-se sobre a questão da prestação do cuidado na perspectiva da transverberação, na pessoa que está morrendo, de modo a que esta regule a sua alma e parta animosa para a sua última morada.

Quem cuida é encorajado a enroupar a pessoa que acompanha, seja veterana ou moça, com um “espírito de grande mansidão e consolo”, inculcando na mesma um grande “desprezo por esta vida”, o que deverá ser executado “aos poucos” e na ausência de “rodeios” (p.250-1).

O que se pretende não é levar a pessoa a crer que tudo está mal quando se vive no mundo, mas antes resguardá-la de preocupações tão acessórias e incuriais na hora em que o seu oxigénio se esgota e o que lhe falta é desconectar-se do amor a esta vida.

No quinto capítulo, o autor repara o quanto o demónio é insensível à separação entre a consciência e o mundo que nos rodeia, infiltrando-se nas nossas cabeças de forma ainda mais desmesurada junto ao cais — tentando-nos por meio da fabricação de representações hipertrofiadas da nossa miserável pecaminosidade e deformando a imagem da justiça divina, atrevendo-se até a insinuar uma inexplicável malevolência de Deus.

Com a morte à vista, satanás exagera “a inflexibilidade” (p.257) do Criador, instigando a pessoa moribunda a baralhar a misericórdia ecuménica do Senhor com uma intolerância espartana e desapiedada, mesmo perante a humildade e o arrependimento. Cita-se Poinso:

Com estes e outros pensamentos do mesmo tipo — que o demónio sabe muito bem avivar naquele transe —, são grandes as ondas e a desordem que se levantam, como duros são os confrontos que o diabo obriga o coração a travar, uma vez que é contra a própria verdade que o maligno quer guerrear; de modo que tal tempestade, em semelhantes águas, requer uma pilotagem assaz habilidosa, talhada para levar um navio quase reduzido ao naufrágio e à perdição até ao porto salvífico (p.258).

No sexto capítulo, aprende-se que compete fundamentalmente à pessoa que está a morrer opor resistência às possantes tentações do espírito das trevas, embora se aprenda ainda a prover à sorte da pessoa a partir do exterior, começando logo pelo dismantelamento dos maquinismos do príncipe das trevas com recurso à palavra humilde e fiel à verdade.

Um cuidador poinsoiano há de fazer notar, à pessoa de quem cuida, que aquilo que Cristo espera que cada um de nós faça na hora da morte, na riqueza ou na pobreza, é que trabalhemos com afinco para cabermos na “porta estreita” (p.259) da salvação, já que não é a esta que toca dilatar-se para nos comportar, tocando-nos a nós perseverarmos na diminuição da nossa envergadura por forma a reunirmos as condições para a travessia.

Aquando das últimas cartadas do inimigo, a pessoa que está a morrer pode ainda ser afervorada para o afogo do duelo por meio de uma memória e uma antevidência: a primeira é a da graça do resgate da humanidade por Jesus Cristo (o pulso do Seu sangue, derramado em observância à procuração do nosso Senhor) e a segunda é a de que “o perdão é certo”, vaticínio assente na garantia de que Deus se abeirará de quem, “pedindo perdão”, se conhece a si mesmo — e, conhecendo-se, “se abate, se humilha e se deslustra perante Deus” (p.263).

No dizer do autor, “pese embora o nosso coração nos repreenda e a consciência nos remorda, Deus é maior que o nosso coração e tudo conhece” (p.264-5), de modo que não devemos encerrar-nos em nós mesmos, mas antes investir no Criador toda a nossa esperança.

No sétimo capítulo, Poinot descerra a razoabilidade de depositarmos confiança na clemência do nosso Senhor, afiançando-nos que o Seu coração é diferente dos nossos, não se ressentindo como os nossos se ressentem quando alguém nos molesta.

Conquanto humildemente reconheçamos os nossos pecados passados, o nosso Pai “sempre há de amar-nos, antes mesmo que nós O procuremos e amemos” (p.267), amando os pecadores arrependidos com tanta ou mais ternura do que àquelas pessoas cujas “grandes penitências” e “boas obras” não as livram de chamar a morte sob o efeito de um “fumo de interior soberba e vaidade” (p.268), tanto mais duro na queda quanto mais insondável.

Recomenda o autor que se considere ainda que a conversão dos pecadores suscita sempre “a inveja e a confusão” em satanás, deleita os anjos e inspira a maior glória de Deus, especialmente “quando uma pessoa está já prestes a sair desta vida (...), pois aí se consuma a vitória de toda esta guerra que se vive neste mundo contra o demónio” (p.270).

No oitavo capítulo, solicita-se a quem cuida que incentive a pessoa de quem se ocupa a opor resistência às tentações terminais por intermédio das virtudes a que aquelas fazem concorrência, prioritariamente quatro: a fé, para não duvidar; a esperança, para não desconfiar; a caridade, para não assombrar; e a penitência, para não enfraquecer.

Além disso, João de São Tomás encarrega quem se ocupa das pessoas moribundas de sacramentá-las numa modalidade tripartida: através da confissão, para que prevaleçam a

penitência e a fé; através do viático, para que seja posta em chama a caridade; e através da unção dos enfermos, para que medre a esperança.

Cabe ainda, a quem cuida, averiguar qual foi a virtude mais parca ou dificilmente observada pela pessoa expirante ao longo dos anos, o que permitirá definir o caminho para curar os ferimentos mais graves da sua alma e intervir de forma adequada para cicatrizá-la.

Finalmente, inscreve-se no âmbito do cuidado pastoral afastar, de quem está a morrer, qualquer objeto ou ser vivo cuja presença ou ação conduza a preocupações com as coisas temporais ou promova o enfraquecimento da pessoa que se prepara para partir daqui.

Nos capítulos nono, décimo, décimo primeiro, décimo segundo e décimo terceiro, trata-se respetivamente da disposição da pessoa em fim de vida para a sua última confissão; de como deve a mesma continuar a dar graças a Deus e entregar-se para a comunhão última; de como a pessoa em questão há de preparar-se para receber o viático; dos pensamentos que, depois da derradeira comunhão, serão favoráveis a uma maior amizade entre ela e o Criador; e da preparação da pessoa para receber a extrema-unção.

No décimo quarto capítulo, Poinot pede a quem cuida que se mostre prudente e vigilante, embora sem cansar a pessoa que está morrendo, tendo em conta que esta terá ainda que participar no confronto mais duro que alguém tem de enfrentar na sua vida.

Antes que a pessoa deixe de ser capaz de comunicar com o exterior, o cuidador deve preveni-la para o facto de que em breve terá início, no seu íntimo, um processo de combate no decorrer do qual a pessoa se baterá contra três manobras do inimigo.

A primeira manobra é posta em prática sob a forma de escrúpulo e será vencida a rogar pela misericórdia divina; a segunda, sob a forma de temor, vencer-se-á por meio do entendimento de que os nossos pecados se encontram abrigados pelo sangue de Jesus; a terceira, sob a forma de falta de arrependimento, há de vencer-se graças à assunção dos pecados e à súplica pela tolerância do nosso Pai.

No capítulo final, três orações destinadas a aliviar o fardo da pessoa no seu último transe e a encomendar a sua alma a Cristo, à Mãe de Deus, aos santos pelos quais a pessoa tem devoção e ao anjo que lhe foi atribuído pelo nosso Senhor são colocadas à disposição.

5. Ledo até sempre

Como em tudo terá procurado fazer,¹⁷ também no seu tratado de instrução para um proficiente cuidado em fim de vida terá Poinot visado ser fiel a São Tomás de Aquino.

João de São Tomás, aliás, não é simplesmente reconhecido como mais um tomista entre tomistas, mas como uma das figuras de maior vulto na história do tomismo, o que a mais atual literatura especializada dedicada ao acolhimento de Aquino através dos tempos veio evidenciar de maneira abundantemente expressiva.¹⁸

A pessoa ser tomista, no entender de Santiago Ramírez (†1967), em nada se prende com o hábito de trajar esta ou aquela cor, antes se prendendo com algo eminentemente intelectual, interior, que é a adesão da pessoa ao espírito do aquinate ou a busca dessa mesma adesão de forma tão abnegada e ampla quanto possível com o fito de corresponder ao espírito de São Tomás e atualizá-lo mediante obras e práticas alinhadas com esse mesmo espírito.¹⁹

Seguir abnegadamente Aquino está longe de implicar a renúncia à nossa humanidade e a nossa conversão em papagaios, já que somos confrontados com circunstâncias que nos são específicas, bem como com dificuldades que o santo nunca teve hipótese de solucionar, seja em virtude da sua finitude e humana imperfeição, seja em virtude da conjuntura temporal na qual o mundo engravidou da sua alma.

Como qualquer criatura humana, Aquino não foi perfeito; e, como disse o então Cardeal Joseph Ratzinger (†2022) a respeito de todos os santos, também São Tomás se terá em vida revelado frágil e incorrido em maiores ou menores erros.²⁰

Frente a uma dinâmica personalizada que cobra de nós um cunho de inventividade, apenas de forma relativamente original podem os tomistas corresponder a tal interpelação,

¹⁷ Cf. Domingues e Pimentel, “Introdução”.

¹⁸ Ver Matthew Levering e Marcus Plested, eds., *The Oxford Handbook of the Reception of Aquinas* (Oxford University Press, 2021). De notar que Poinot é frequentemente referido pelo seu nome religioso (João de S. Tomás), facto que pode sugerir uma presença mais ténue do seu nome na literatura do que a que realmente se verifica. No índice de nomes e termos da obra que acaba de ser referida, por exemplo, o dominicano encontra-se listado de forma separada para cada nome.

¹⁹ Leia-se Santiago Ramírez, “O que é um tomista?”, trad. de Felipe de Azevedo Ramos, *Lumen Veritatis* 12, no. 48–49 (2020): 399–434.

²⁰ Joseph Ratzinger, “Deixemos que Deus Faça Maravilhas”, *L’Osservatore Romano*, 5 de out., 2002.

não obstante o facto de que qualquer tomista de verdade inscreverá na história o seu próprio trajeto tomando Aquino como fonte legitimadora das suas andanças.

Já foi dito, com Pimentel, que Poinot não só foi fiel à lição de São Tomás, como não se contentou em copiar literal ou irrefletidamente o santo de sua devoção.

Como dissera antes Pinharanda Gomes ([†]2019) acerca do pregador, Poinot foi mais do que um comentador do Doutor Comum; foi, isso sim, um “continuador do Aquinate”.²¹

Desde a sua canonização até à atualidade, incentivada por mérito próprio mas também por instrumentos de poder papal como as encíclicas *Aeterni Patris* de 1879 e a *Humani Generis* de 1950, Aquino tem assumido uma autoridade ímpar (entre nós, criaturas) para fundamentar as respostas católicas aos diversos e sucessivos desafios de cada época.²²

Que a autoridade extraordinária dos ensinamentos de S. Tomás de Aquino deva também reconhecer-se nas vozes do número crescente de tomistas que têm enformado a diacrónica evolução da tradição tomista não é algo que possa afirmar-se com segurança.

Entretanto, se a carga obediencial que é devida à autoridade católica de Aquino não se estende de modo forçoso a Poinot, a este já tem sido confiada uma relativa autoridade no seio da inspiração tomista.

É neste registo que se pode afirmar que os ensinamentos de João de São Tomás sobre o cuidado em fim de vida hão de ser elevados à potência de instruções tomistas aquando das futuras considerações em torno dos escritos pastorais do lisboeta frade dominicano.

Durando cerca de 55 anos, a sua passagem por este mundo foi pouco mais demorada que a de São Tomás de Aquino, embora também João Poinot tenha morrido, nas palavras de Pinharanda Gomes, “maduro para a eternidade”.²³

Em Fraga, Aragão, João de S. Tomás ascendeu à vida eviterna; um bendito adeus.

²¹ Pinharanda Gomes, *João de Santo Tomás na Filosofia do Século XVII* (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985), 18.

²² Quanto à autoridade do aquinate, leia-se Santiago Ramírez, “The Authority of St. Thomas Aquinas”, *The Thomist* 15, no. 1 (1952): 1–109.

²³ Gomes, *João de Santo Tomás*, 32.